

TRILHA DOS IPÊS: UMA EXPERIÊNCIA TEATRAL QUE RESSOA COMO AÇÃO ESTÉTICA E POLÍTICA NA ESCOLA

Tissiana dos Santos Carvalhêdo¹

Gisele Soares de Vasconcelos²

RESUMO: Este artigo traz parte da pesquisa de mestrado intitulada “Trilhas de Vida e Arte: a geopoética do reparar na aventura de fazer e pensar teatro no IFMA campus Codó”, desenvolvida entre 2016 e 2018. Gerada nas andanças da vida, esta pesquisa objetiva analisar experiências que ressoam no meu fazer teatro na escola. A etapa de campo se dá em forma de pesquisa-ação, a qual é analisada e reelaborada por meio da escrita narrativa, momento em que as experiências de ensinar/aprender teatro passam a ser percebidas pela metáfora das trilhas. A Trilha dos Ipês foi construída com alunos do 2º ano do curso técnico em Informática, em que utilizaram conteúdos audiovisuais acessados via celular como inspiração para criação e encenação de “Ode às Cores”, um espetáculo sobre homofobia e suicídio.

Palavras-chave: fazer/pensar teatro; processo de criação cênica na escola; ação estética e política.

ABSTRACT: This article is part of the Master's “Tracks of Life and Art: the geopoetics of repairing in the adventure of making and thinking theater in the IFMA campus Codó”, developed between 2016 and 2018. Generated in the wanderings of life, this research aims to analyze experiences that resonate in my doing theater in school. The field stage takes the form of action research, which is analyzed and reworked through narrative writing, at which time the teaching / learning experiences of the theater are perceived by the metaphor of the tracks. Trilha dos Ipês was built with students of the 2nd year of the technical course in Informatics, in which they used audiovisual content accessed through the cell phone as inspiration for the creation and staging of “Ode ao Cores”, a show about homophobia and suicide.

Key words: do / think theater; process of scenic creation in school; aesthetic and political action.

¹ Mestra em Artes (Profartes/UFMA), professora de Arte do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal do Maranhão Campus Codó. E-mail: tissiana.carvalhedo@ifma.edu.br

² Professora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: vasconcelosgisele@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

“Às vezes eu me pergunto/ afinal, o que é belo?/ o belo é tão relativo/tão gritante, tão singelo!”. A frase do poeta cearense cordelista Bráulio Bessa (2018), chega até mim como um convite para pensar sobre o belo - na vida, na arte e na escola. O belo pode ser encontrado na vida comum, ordinária, naquele por do sol inesperado e também nos momentos planejados: as férias organizadas com antecedência, os encontros familiares em momentos festivos. Posso encontrá-lo durante a visita a museus, edifícios teatrais, concertos musicais e, ainda, em praças, feiras, ruas e esquinas. É possível topar com o belo também no chão da escola, tanto nas apresentações comemorativas como na correria do dia a dia. Isto se dá por que o belo é estética, estética é perceber, perceber é olhar - mas não um olhar fisiológico e sim como capacidade de ver, de reparar. O belo não está nas coisas, é uma construção. Essa trilha me mostrou que, talvez por conta dos inúmeros obstáculos do sistema educacional, muitas vezes assumimos um olhar disperso e desesperançoso para o ensinar/aprender arte na escola e que isto nos impede de ver o belo, ou seja, as potencialidades que estão diante de nós.

Percorri essa trilha com alunos e alunas do segundo ano do curso médio/técnico em Informática³. Para enfrentar hoje o desafio de transpor em forma de palavras um repertório empírico, sensível e repleto de complexidades, busco o método da narrativa, que me leva a um deslocamento no tempo, acionando “Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador” (SOUZA, 2007, p. 63-63). Opto em usar a metáfora das trilhas, de forma que cada experiência é narrada com imagens que dão a entender a travessia de um percurso real. É possível que este caminho venha a ser imaginado pelo leitor e/ou leitora como uma mata fechada, isso ocorre por fazer alusão ao perfil agrícola da escola⁴ onde atuo; e também decorre das percepções de como me senti inicialmente neste lugar, que me pareceu arredo como uma mata.

³ Ao todo, 34 estudantes frequentaram a disciplina Arte, de 40 horas/aula, no segundo semestre letivo de 2017. Tivemos dois horários semanais de forma fragmentada, ou seja, 1 h/a de 45 minutos na quarta-feira a tarde e outro horário de 45 minutos na sexta.

⁴ A paisagem natural onde o campus está sediado é uma mistura de cerrado e mata dos cocais, numa imensa área de 210 hectares. O espaço ocupado (11.642,98 m² de área construída) corresponde a apenas 0,55%

Figura 1 – Visão aérea do terreno do campus Codó



Fonte: Antonio Alisson Fernandes Simplício

DESENVOLVIMENTO

Só percebi esta experiência enquanto trilha quando estávamos quase ao final do percurso. Inicialmente meu olhar dispersou por desacreditar na viabilidade pedagógica de uma disciplina com 40 horas/aulas distribuídas em dois horários semanais ‘quebrados’, ou seja, duas aulas de 45 minutos em dias distintos. Lembrei-me das aulas de arte que tive no ensino fundamental e médio, que ocorriam, quase sempre, às sextas-feiras, no último horário. Vi então que estava diante de um ranço da história da arte na educação brasileira. Uma espécie de marginalidade que ainda ressoa, nas condições desfavoráveis que nos são oferecidas para o ensino das linguagens artísticas.

Outra dificuldade diz respeito à proposta curricular. No projeto do curso estão previstos os componentes curriculares, Arte I, Arte II e Arte III, sendo o primeiro voltado para as Artes Cênicas e os outros dois para as Artes Visuais. Todos com carga horária de 40 horas. Por mais que trabalhe de forma interdisciplinar, não possuo as competências necessárias para ministrar aula em linguagem distinta às artes cênicas, que é a habilitação de minha formação. Vejo-me então diante de um cenário embaraçoso, pois ao mesmo que há uma Lei vigente (13.278/2016) que determina que o componente curricular, Arte, seja trabalhado por meio de suas distintas linguagens (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), não encontro na escola as condições para que a legislação se cumpra, já que os sistemas de ensino raramente proveem de 4 professores em cada escola, para que assim possa-se

do terreno A escola agrotécnica de Codó foi criada em 1993 pela Lei nº 8.760 (SANTOS, 2018) e funcionava no sistema escola-fazenda. (SANTOS, 2018).

garantir o ensino nas diversas linguagens, pois os docentes não possuem formação polivalente. Sou apenas mais um personagem nesta teia embaraçosa, muitos colegas de profissão – sobretudo nas redes públicas de ensino - estão em situação semelhante, sendo os únicos professores para cobrir a área de arte na escola. Muitos resolvem aceitar – geralmente sob imposição – ministrar duas ou mais linguagens; e alguns se recusam, seguindo com o ensino apenas em sua área de formação.

Sigo recusando, mas resistindo, tentando reinventar caminhos, dialogando com outras áreas do conhecimento, saberes e fazeres. Resolvi então desenvolver uma ementa experimental para Arte II, com o intuito de aprofundar conteúdos presentes em Arte I. Abaixo está o que prevê o curso para esta disciplina no primeiro ano:

Análise conceitual I: arte e estética. Arte e sociedade. As artes cênicas como objeto de conhecimento. As diversas formas comunicativas das artes cênicas. Elementos que compõem a linguagem teatral: palco, plateia, texto, interpretação, improvisação, jogos teatrais, cenário, figurino, dramaturgia entre outros. História do Teatro mundial (origem Teatro Grego, teatro romano, manifestações da Idade Média, Teatro Renascentista). Apreciação e montagem de textos de dramaturgos famosos como Shakespeare, Gil Vicente e Moliere.

Comecei a imaginar uma proposta não conteudista, que valorizasse o fazer teatral pelo seu principal território de exploração – o corpo. Através deste lugar, poderíamos contemplar os aspectos voltados às formas comunicativas e os elementos da linguagem. E como a rota seria pela via da experiência, alçaríamos a esfera estética, o que por si só é produtora e objeto de conhecimento.

Iniciamos a caminhada, com o objetivo de “Ampliar a percepção para as potencialidades comunicativas e expressivas do corpo no âmbito das gestualidades, ampliando o repertório não-verbal.” (CARVALHÊDO, 2017). Diferente de outros percursos, neste não me sentia dentro da mata, era como se estivéssemos percorrendo por perto, na estrada de terra. Um caminho que, a priori, já existe, que é o formato disciplina/sala. As sirenes a cada início e término dos 45 minutos não nos faziam esquecer, como se tivessem receio em até onde poderíamos chegar. Mas ainda assim, fomos em busca de meios para articular repertórios e apurar nosso olhar.

Passamos a observar as diversas paisagens da nossa escola e a tentar recriá-las. As cadeiras se amontoaram nos cantos da sala, para que pudéssemos ocupar o centro em

situação de jogo; os corredores, pátios e jardins nos serviram de laboratório – e lá voltaram a ser crianças na brincadeira de ‘pata cega’, permitindo-se redescobrir o meio com o tato, a audição, olfato e paladar. Espaços corriqueiros foram ocupados para pesquisa de observação, onde analisamos nos transeuntes sinais da incansável capacidade comunicativa do corpo.

Foi preciso investir num ambiente que acolhesse as entregas, que convidasse a atenção, uma atmosfera capaz de convocar presenças e despertar a confiança na relação entre olhares e falas. O enfileiramento de carteiras aos poucos perde o sentido e é substituído por formas circulares. O círculo provoca outras relações: a centralidade se despede da minha figura, o centro instaura o lugar simbólico do grupo, de onde todas as ideias e ações podem ser tecidas coletivamente, de onde todos podem transitar entre o ensinar e o aprender. Cria-se uma horizontalidade, uma rede de compartilhamento, onde todos podem ser vistos e ouvidos. Nenhum dos membros estará de costas para o outro, pois a relação com o outro passa a ser crível, fecunda e necessária. É interessante como podemos transformar os espaços a partir do uso que fazemos deles; e como isto repercute no humano, reconfigurando relações.

Esta trilha acontece no segundo semestre, época que o clima quente e as queimadas maltratam. As árvores parecem jogar conosco, fingem ser estátuas, nenhum movimento nos galhos, nenhum respiro, o vento se transforma em lembrança. Não podíamos nos entregar inteiramente ao sol, tivemos que desacelerar em alguns momentos em busca de áreas sombreadas, onde pudemos nos refrescar e estabelecer um contato mais aprazível. Chamamos esse lugar de jogo - e foram muitos, para relaxar, observar, divertir, conectar o grupo, convocar a presença, e exercitar nossa capacidade de fala corporal sem recorrer à oralidade.

A experiência nos jogos aquecia o corpo/pensamento, fomentando a reflexão e o debate sobre processos culturais, sociais e históricos que servem para desvalorizar, controlar, e empobrecer nossa experiência no mundo. Debatem, por exemplo, sobre a necessidade de desconstruirmos a visão dualista sobre o corpo; e sobre as formas com que a escola lida com a corporeidade. Nesse momento, muitos oferecem relatos, com exemplos trazidos da família, da vizinhança, da igreja, das escolas, da notícia vista nas redes sociais, da história do personagem da série ou do filme. É a hora em que os diversos territórios culturais em que transitamos passam a ser acionados pelos participantes.

Percebemos que o deslocamento é impulsionado por trânsitos culturais, e não pelo movimento mecânico de mover-se ao caminhar em trilha. Nesse sentido, a apreciação de vídeos nos serviu de auxílio precioso, permitiu transitar por variadas fronteiras geográficas, artísticas e discursivas; e conhecer propostas que desafiam convenções e limites impostos. Como as da alemã Pina Baush, que rompe as fronteiras das linguagens com sua dança-teatro; o grupo brasileiro Barbatuques, que mostra que é possível produzir música coletivamente com percussão corporal; o trabalho dos artistas multimídias Paul Kaiser e Shelley Eskhar, que no projeto Ghostcatching desenvolvem o conceito de dança digital, unindo dança, desenho e composição digital em tecnologia 3D; o artista paulista Maurício Ianês, que testa os limites do seu corpo propondo poéticas para pensar a vida por meio de suas performances; e o cantor e intérprete Ney Matogrosso, que com sua performance extravagante provoca a ruptura de paradigmas. Estes foram alguns dos repertórios acessados em linguagem audiovisual.

Na metade da trilha sinto com mais intensidade a *secura*, a paisagem que antes era verde passa a ser amarelada, queimada; os rios, murchos, parecem gritar a saudade dos tempos de abundância; e algumas árvores perderam todas as folhas, estão secas. Entretanto, todo esse cenário emana uma aura de sossego, e não de caos. É como se a natureza se amparasse na certeza da impermanência, sabida que mudanças estão por vir.

Para reagir à *secura*, propus ao grupo um trabalho em que teriam que criar e produzir coletivamente uma proposta cênica aberta, com temática (s), linguagem (s) e estética de livre escolha. Pedi que pensassem no corpo como principal veículo de expressão e que não recorressem à palavra oralizada.

O grupo abraçou o desafio e passou a trabalhar de forma entusiasmada. As idéias foram rapidamente sendo propostas e discutidas. E aqui é importante pensar sobre a importância de um ambiente favorável à livre experimentação. É perceptível, pela maioria dos professores, a facilidade que esta turma tem em lidar com a diferença de pensamentos, resolverem conflitos e compor ações coletivas. Quando os encontrei eles já caminhavam desta forma, só tive o cuidado de me colocar entre eles para somar.

Para que estudantes conquistem esse lugar de grupo, é necessário que atuem entre si com liberdade; e para isso penso ser urgente encorajarmos relações de autonomia, confiança e afeto. Só me disponho a trocar com o outro quando me sinto segura, se, ao contrário, estiver em um ambiente povoado pelo medo, me fecho e recuso-me a qualquer

abertura. Isso me leva às reflexões do romancista e professor francês Daniel Pennac, sobre medo, solidão e educação, a partir de suas próprias memórias:

Quando criança, eu fui um mau aluno. Fui um mau estudante, porque tinha medo de não saber responder as perguntas que os adultos me faziam. [...] A reação dos adultos é sempre a mesma: eles também têm medo. Têm medo de que seus filhos nunca tenham sucesso. Os professores também têm medo. Têm medo de serem maus professores. Tudo isso tem a ver com a solidão. Solidão da criança, do professor, dos pais. O que é preciso fazer é acabar com essa solidão. Pedagogicamente, como se acaba com a solidão? Criando projetos em comum, onde todos estão envolvidos. Por exemplo, na escola, um projeto em comum é o teatro. (PENNAC, 2018)

Sábias palavras. O teatro me ensinou a trabalhar meus medos, a colocar-me em risco, a assumir o erro e a lidar com as frustrações da cena e da vida. Ao propor atividades em que o estudante precisa sair da zona de conforto, lembro-me de como gostaria de ser cuidada e lanço mão de estratégias para que o medo não se instaure. Nesta trilha, sugeri ao grupo que cada um buscasse o seu lugar de criação, logo as movimentações foram fluindo e as funções sendo definidas por eles mesmos.

Um trio começou a esboçar o roteiro, tomando como inspiração principal o *vídeoclip* da música *Take me to Church*, do cantor irlandês Andrew Hozier-Byrne, que conta a relação amorosa entre dois rapazes que se veem impedidos de continuarem juntos pela interferência violenta de um grupo homofóbico. Os alunos adaptaram a história para personagens femininos e com inspiração na música *Amianto*, da banda brasileira Supercombo, propõem um final diferente: ao invés de uma das jovens ser agredida até a morte (como no clipe de Hozier), a mesma decide se matar. Temos então dois temas dos quais a turma deseja falar: homofobia e suicídio.

Após a escritura, o roteiro foi socializado entre os demais participantes, foram acolhidas as sugestões e depois partiram para os ensaios. É interessante notar que foi na experimentação cênica que o roteiro final foi sendo definido, como contam SANTOS e COSTA:

É muito legal essa questão de trabalho em grupo, principalmente com a turma, por que a gente pode fazer o roteiro pra eles, mas sempre na hora vai mudar uma coisa. (SANTOS, 2018).

É, a gente faz o roteiro, aí eles dão sugestão e a gente vai acrescentando direto na peça, a gente nem liga mais pro roteiro, a gente vai só jogando. (COSTA, 2018)

O ‘jogar’ é no sentido de testar as mudanças na própria cena. Mas também houve um jogo/relação entre música e ações cênicas, de forma que movimentos, gestualidades, temporalidades, sequências, encaixes e marcações espaciais foram tomando forma a partir dessa dinâmica. Voluntariamente, foram surgindo pessoas para as outras necessidades: direção de ensaio, edição das músicas, cenografia, iluminação e técnica de áudio.

Minha função foi a de sensibilizar o olhar, lançar o desafio e acompanhar como espectadora atenta e solícita, para quando acenassem pedindo auxílio. Não houve direção artística, o processo fluiu das relações de compartilhamento entre o grupo. Fluiu impulsionado pelo desejo de fazer, pelo desejo de falar sobre homofobia e suicídio. Com entusiasmo e engajamento, a turma deu ao experimento cênico Ode às Cores⁵ ares de acontecimento, e não simplesmente mais uma apresentação para ganhar nota.

Figura 02- Cena da passeata a favor da diversidade



Figura 03 – Cena onde chora a morte de sua companheira, assassinada por um grupo de Homofóbicos

⁵ O espetáculo foi apresentado duas vezes na escola (em dezembro/2017 e em maio/2018) e selecionado para apresentação no II Encontro de Arte do IFMA – ENARTE, realizado em dezembro de 2018, no campus Monte Castelo (São Luís – MA).



Fonte: Cláudia Canudo

Figura 04 – Cena em que se tenta evitar a tragédia, o suicídio



Fonte: Cláudia Canudo

CONSIDERAÇÕES

Acompanhando o grupo nesta trilha prestigiei a sutileza na leitura das realidades e da perspicácia em abordar um assunto frequentemente evitado no cotidiano da escola.

[...] tem a questão do amor e tal, depois a gente discutiu a escola, aí veio pros pais, veio pra igreja, veio pra manifestação, pras pessoas que eram contra as manifestações [...] (SANTOS, 2018)

São temas que estão presentes na vida dos alunos, só que as pessoas não trabalham com eles, sabe? [...] não abordam o tema, pra entender melhor, discutir, procurar meios de solucionar, essas coisas. (COSTA, 2018)

São assuntos que passam por processos de silenciamentos, que nem sempre se dão de forma expressa, numa espécie de dinâmica opressiva não confessa.

[...]as pessoas acham ‘ah é normal’, mas lá sabe, lá na vida dos outros, da outra família, na casa do vizinho. Por aqui, ‘é, tá bom, de boa, não tenho nada contra, mas fica pra lá, não venham pra cá’, sabe, é meio zuento. Tá aqui, só que bota ali, sabe, fica lá, lá no canto. (COSTA, 2018)

Ao representar pautas marginais e provocar um debate comumente negado, Ode as Cores ressoa como ação estética e política na escola, provocando movimentos de desestabilização, construindo discursos à contrapelo:

[...] refleti de uma forma tão bonita, senti uma sensação de frio. (anônimo, 2018)
Durante a apresentação fiquei emocionada pois eu vejo algumas pessoas que passam por isso. No momento em que a personagem queria se matar, a música teve uma frase que me lembrou do que tinha passado um tempo antes, por conta de problemas (BRAGA, 2018)

[...] várias coisas que se passam pela sociedade todo dia e não vemos [...] a sociedade critica e exclui pessoas. (DIAS, 2018)

Nos dias atuais os LGBT’s são muito criticados por suas escolhas sexuais, como se isso definisse caráter. Deveríamos parar de criticar e simplesmente aceitar, logo porque não nos desrespeita a opção sexual do outro. Quem sabe assim o mundo fica mais cheio de amor e respeito. (BARROS, 2018)

Ao ver e ouvi-los me remeti aos lugares da cena durante minha graduação, lembrei-me do forte impacto que uma peça encenada por estudantes da disciplina Interpretação I⁶, O Despertar do Primavera, provocou em nós e no público. O espetáculo foi apresentado em uma sala chamada ‘teatro de bolso’, que ficou abarrotada de pessoas sentadas no chão, sem nenhum conforto, durante as 2 horas de espetáculo. Não era proibido sair no meio da sessão, mas o público permanecia até o final, dado o alcance do tema e da proposta cênica. Em pauta, lá estavam: a adolescência, sexualidade e opressões por parte da família e da escola.

A forma como a experiência afetou os participantes do ato teatral – estudantes atores e espectadores – me fez pensar na metáfora do Ipê. Esta árvore primeiro perde todas as folhas, tudo seca, para depois, inesperadamente, florescer bela. No campus Codó, próximo à estrada que transitamos apressadamente todos os dias, há alguns Ipês. Passamos

⁶ A disciplina foi ministrada pelo professor Me. Luiz Roberto de Souza, mais conhecido como Pazzini, atuante mestre-encenador, hoje aposentado da UFMA.

vários meses por eles sem notá-los, até que, por volta de setembro, surgem com flores amarelas deslumbrantes.

Figura 05 – Ipê amarelo na estrada de acesso à escola



Fonte: Francisca Inalda Oliveira Santos

Com meu olhar cotidianizado, não percebi, de início, o potencial desta trilha, só via galhos secos; mas na lida, no percurso, os estudantes me mostraram que sempre há a possibilidade do florescer. Aprendi que não posso esperar a beleza surgir, tenho que cultivá-la na lida diária, acreditar e provocar o seu acontecimento. Em todo estudante, em toda turma, em todo professor, há um ipê em potencial. Em resposta à indagação do cordelista Bráulio Bessa, “Afinal o que é belo?”, eu digo que no fazer teatro na escola o belo é construção - do olhar, do pensamento e da ação.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Mayrla Kawanny. **Relato pós-apreciação do experimento Ode às Cores:** Registrado de forma manuscrita pela aluna. IFMA, Codó – MA, 2018.
- BESSA, Bráulio. **Bráulio Bessa faz cordel sobre as belezas das brasileiras.** Disponível em ><http://especiaiss3.gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/poesia-com-rapadura/>>. Acesso em Jun 2018.
- BRAGA, Andreina Nascimento. **Relato pós-apreciação do experimento Ode às Cores:** Registrado de forma manuscrita pela aluna. IFMA, Codó – MA, 2018.
- DIAS, Mayra Naelle Fontes. **Relato pós-apreciação do experimento Ode às Cores:** Registrado de forma manuscrita pela aluna. IFMA, Codó – MA, 2018.
- IFMA. **Plano de curso nível técnico em Informática integrado ao Ensino Médio.** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA, campus Codó. 2012.
- CARVALHÊDO, Tissiana dos Santos. **Plano da Disciplina Arte.** Semestre 2017.2, curso médio/técnico em Informática, turma 24. Codó – MA. 2017.
- COSTA, Maikon Kesley. **Relato oral sobre experiência na Trilha dos Ipês:** Registrado em áudio por Tissiana dos Santos Carvalhêdo. IFMA, Codó – MA, 2018.
- HERRAIZ GARCÍA, Fernando. **Uma aproximação à pesquisa narrativa autoetnográfica:** algumas questões para continuar aprendendo. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual:** narrativas de pesquisa. Santa Maria: EUFMS, 2009.
- PENNAC, Daniel. **Vídeo Daniel Pennac romancista e professor / Conselhos.** Disponível em > <https://www.youtube.com/watch?v=RMH2snBmkaA>>. Publicado em 30/05/2018>. Acesso em Jun 2018.
- SANTOS, Maria do Carmo Nunes. **Relato oral sobre experiência na Trilha dos Ipês:** Registrado em áudio por Tissiana dos Santos Carvalhêdo. IFMA, Codó – MA, 2018.
- SOUZA, Elizeu C. de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação.** In: NASCIMENTO, A.D.; HETKOWSKI, T.M. (Orgs.). Memória e formação de professores. [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74. Disponível em > <http://books.scielo.org>>. Acesso em Mai, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 108 p. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação) ISBN 85-249-0029-6.